

LYRA, Luciana de F. R. P. de. Mitodologia em Artes Cênicas: Diretrizes, pressupostos, princípios e procedimentos para criação. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; Pesquisadora do Projeto Temático NAPEDRA; FAPESP; Supervisor Prof. Dr. John Dawsey. Atriz, Dramaturga e Encenadora.

RESUMO

Em doutoramento (UNICAMP), vinculado ao projeto temático do *Núcleo de Antropologia, Performance e Drama* (USP), a pesquisadora elaborou um complexo para criação cênica, intitulado *Mitodologia em Artes Cênicas*, utilizando como aportes aspectos da *Antropologia da Experiência*, estudada pelo antropólogo Victor Turner e da *Antropologia do Imaginário*, do sociólogo Gilbert Durand. Este complexo foi vivenciado por artistas, sob a orientação da pesquisadora, gerando a dramaturgia e a encenação do espetáculo *Guerreiras*, como parte de seu doutorado. A *Mitodologia em Artes Cênicas* lida com forças pessoais que movem o atuante na relação consigo mesmo e com a alteridade, em retroalimentação, procura dar vazão a um *Teatro das Profundidades*, atingindo camadas da psique pessoal e coletiva, na percepção inequívoca das margens sociais. Este trabalho visa apresentar a *Mitodologia em Artes Cênicas*, propondo uma mudança epistemológica nas Artes Cênicas, que se distancia de uma transmissão vertical dos saberes para se aproximar de certa *Pedagogia Gnóstica*, restauradora de uma realidade *imarginal*.

Palavras-chave: Antropologia da Experiência. Antropologia do Imaginário. Mitodologia em Artes Cênicas.

LYRA, Luciana F. R. P. de. Mythodology in Performing Arts: Guidelines, assumptions, principles and procedures for creation. São Paulo, Brazil: São Paulo University, Researcher of the Thematic Project NAPEDRA; FAPESP, Supervisor Prof. Dr. John Dawsey. Actress, playwright and director.

ABSTRACT

In PhD (UNICAMP), under the thematic project of the Center for Anthropology, Drama and Performance (USP), the researcher developed a complex for creating scenic entitled *Mythodology in Performing Arts*, using as inputs aspects of the *Anthropology Experience* studied by the anthropologist Victor Turner and *Anthropology of the Imaginary*, by the sociologist Gilbert Durand. This complex has been experienced by artists under the guidance of the researcher, creating the drama and the staging of the show *Warriors*, as part of her doctorate. The *Mythodology in Performing Arts* handles personal forces at work in moving the relationship with yourself and otherness in feedback, seeks to give vent to one of the Depths Theatre, reaching layers of personal and collective psyche, clear perception of the social margins. This paper aims to present *Mythodology in Performing Arts*, proposing an epistemological change in the Performing Arts, which is a distance of vertical transmission of knowledge to approach certain Gnostic Pedagogy, restorer imarginal a reality.

Keywords: Anthropology of Experience. Anthropology of the Imaginary. Mythology in Performing Arts.

Entre os anos de 2007 e 2010, a pesquisadora desenvolveu o processo criativo do espetáculo *Guerreiras*, como parte de seu doutorado (LYRA, 2011). Este processo sucedeu-se, principalmente, por intermédio de uma experiência cunhada de *Artetnográfica*, com a comunidade de Tejucupapo, na Zona da Mata Norte de Pernambuco. A experiência configurou-se entre os artistas envolvidos na montagem de *Guerreiras* e integrantes da comunidade, que também realizam um espetáculo, de temática afim, intitulado *A Batalha das Heroínas*, restaurando um episódio histórico ocorrido em 1646, quando um coletivo de mulheres expulsou invasores holandeses da localidade. Desta maneira, a *Artetnografia* pode ser traduzida pelo cruzamento complexo gerado do contato entre artistas e comunidade, entre *eus* e *alteridades*.

Da *Artetnografia* vislumbrou-se um *modus operandi* de criação, a *Mitodologia em Artes Cênicas*, por meio da qual o artista partícipe do processo cênico vincula-se intimamente à produção de sentido da criação. Este *modus operandi* não se constitui uma pré-fixação incondicional de práticas, mas procedimentos de cunhos ritualísticos e míticos, que possam fazer eclodir pulsões pessoais e, concomitantemente, universais dos artistas. Este complexo é um caminho em que o artista aperfeiçoa o pluralismo das imagens colhidas no seu trajeto antropológico, a partir de suas experiências *artetnográficas*.

Com inspiração primeiro na ideia de *Mitodologia*, nomeada por Gilbert Durand (1990), a *Mitodologia em Artes Cênicas* lida com forças pessoais que movem o atuante na relação consigo mesmo e com o campo *artetnografado*, num processo contínuo de retroalimentação. Da perspectiva *durandiana* e seus predecessores estudiosos do imaginário, entendemos que o ser humano tem uma vocação mitológica e ritualística, performática, como também aponta Victor Turner (1974) em seus estudos sobre a *Antropologia da Experiência*.

Há assim uma necessidade vital da imagem e da experiência, uma herança de mitologias, que se põe à prova pelo rito. Desse ponto de vista, o símbolo permite estabelecer o acordo entre o eu e o mundo. Tal constatação conduz a uma transformação epistemológica e metodológica, a qual se distancia de uma estratificação pedagógica de transmissão vertical dos saberes para aproximar-se de certa *pedagogia gnóstica*, o que Morin (1995) vem a chamar “o método do método”. Segundo Durand, a sua *Mitodologia*, que toma parte de sua *Antropologia do Imaginário*, procura reconciliar certa ordem metodológica da poética, rejeitando todo o cabedal aristotélico, que teve na escolástica tomista e no método de Descartes, a aliança histórico-filosófica, que desafetava o mito de sua potência, em favor da metodologia que se queria iconoclasta sem imagens, gerada do encadeamento dos fatos num raciocínio. Diz Durand:

Jogo com as palavras como veem. Já não uma metodologia, mas uma *mitodologia*. Como se o mito, o *sermo-mythicus*, fosse o último momento possível, teoricamente possível, de explicação humana (2004, p. 60).

Do viés da *Antropologia da Experiência* apontamos uma pedagogia cênica calcada metodologicamente na performance, nas emergências do extraordinário, em que a relação ensino-aprendizagem dá-se à semelhança de relações musicais harmônicas, incluindo também ruídos e tensões da experiência do corpo em contínuo processo social. Podemos afirmar que Turner preconiza uma *Pedagogia das Margens* ou como ele próprio aponta, uma *Pedagogia da Liminaridade* (1974, p. 129), procurando delinear a performance como metáfora e método, e sugerindo que o corpo dos atuentes aderem constantemente às experiências vividas em sociedade, ou seja, está sempre em estado de aprendizado. A partir desta ideia entende-se o corpo como locus performático, do jogo ritual, sendo a performance o espaço de materialização da expressão que vai além da mera comunicação de significados, dando vazão aos ruídos gerados da relação ensino-aprendizagem.

A *Mitodologia em Artes Cênicas* foi elaborada pela via da contaminação com as ideias desses novos campos antropológicos. Assim como Durand defendia uma *Antropologia das profundidades*, uma Antropologia da imagem reabilitada, ou mesmo como Turner reforçava uma *Antropologia das margens*, que atribui valor ao “entre”, “a passagem” representada pela performance. A *Artetnografia* e seu desdobramento, a *Mitodologia em Artes Cênicas*, afetadas por estas proposições procuram dar vazão a um *Teatro das profundidades, imarginal*, no “fundo” e no “entre”, contrapondo-se a um teatro de superfície e atingindo camadas mais profundas da psique pessoal e coletiva, na percepção inequívoca das margens sociais.

Dentre suas diretrizes, a *Mitodologia em Artes Cênicas*: (1) Propõe uma episteme particular, uma reconciliação entre poderes da imagem e do símbolo e os poderes do raciocínio na criação cênica, isto é, a interpenetração entre as vias lúdica e intelectual; (2) Estimula a continuidade entre os imaginários do ator e de suas máscaras, ligando trajetórias pessoais, subjetivos a emanções culturais objetivas do meio cósmico social na pesquisa artística, incluindo aí: sons, palavras, músicas, gestos, imagens oníricas, imagens poéticas, que compõem o trajeto antropológico pessoal e a cultura; (3) Alicerça-se sobre fundamentos arquetípicos; (4) Dirige-se ao reequilíbrio dos polos, trazendo para a realidade do artista ocidental, eminentemente diurna, um maior contato com técnicas de espiritualização e de desenvolvimento de possibilidades outras do corpo, de contato consigo mesmo; (5) Preconiza uma pedagogia do desenvolvimento interior, onde a ação de desenvolver-se estava intimamente ligada à ação de envolver-se do atuante com o processo de criação, procurando restaurar sua realidade *imarginal* (imagem e margem), no cultivo da imaginação e na fusão *corpo-alma-espírito*.

Os *procedimentos* da *Mitodologia em Artes Cênicas* não estão isolados como um conjunto de práticas, mas foram compostos a partir de *pressupostos* e *princípios* norteadores, sem os quais não existiria. Os dois *pressupostos* foram intitulados, *Artetnográfico* e *Lúdico*. Os *princípios* em número de três são: o *Princípio Narcísico*, o *Princípio Alquímico* e o *Princípio Místico*. Os *procedimentos* desta *Mitodologia* surgem, *a priori*, em três grandes grupos de jogos seguindo a jornada do herói, quais sejam: *Ritos de Partida*, *Ritos de Realização* e *Ritos de Retorno*.

Os *pressupostos mitológicos* são desígnios antecipados da *Mitodologia em Artes Cênicas*. Antes de se configurarem os *princípios* e *procedimentos mitológicos*, é importante que se saiba que esta *Mitodologia* parte de um processo que se dá, preliminarmente, entre o *eu* e a *alteridade*, do artista ao meio, daí *artetnográfico* e essa ação do *eu ao outro* acontece por meio de um estado de ludicidade, da brincadeira. Por se traduzir como pressuposto da *Mitodologia em Artes Cênicas*, a *Artetnografia*, coloca-se na base dos *princípios* e *procedimentos mitológicos*, ou seja, não há *Mitodologia*, se não houver um ato de risco do artista no confronto com os abismos de si e do outro em toda a sua estranheza. A *Mitodologia* é fomentada pela saída do artista de sua aura habitual para o encontro da desconhecida alteridade, e tal embate dá-se por intermédio do jogo, por isso lúdico. No encontro são estimuladas recombinações, reinvenções de realidades, que se desvelam na criação artística.

Os *princípios mitológicos* são causas primárias, preceitos para o surgimento dos *procedimentos mitológicos*. Dividem-se em: *Princípio Narcísico*; *Alquímico* e *Místico*. Os *procedimentos* seguem estas primícias, que são regras-base para configuração das práticas da *Mitodologia em Artes Cênicas*. O *Princípio Narcísico* é o legítimo lago, onde o atuante pode vislumbrar suas potências e fraquezas, desde as margens ao fundo de si. Pelo *Princípio Narcísico* da *Mitodologia em Artes Cênicas*, entendemos que enquanto o atuante olha para si no processo de criação também é olhado por este espelho d'água que se aprofunda. O artista escolhe o que olhar, e para escolher é preciso que haja qualquer coisa que o olhe no meio social, paralelamente.

A *Mitodologia* contém momentos de “luz” sobre a criação, fomentando questões sobre quem realmente somos, o porquê da arte que fazemos, elaborando operações e momentos em que já não somos mais as nossas questões, não estamos mais a elas misturados e sim as compreendemos. O processo de *Mitodologia em Artes Cênicas* propõe-se gradativamente a libertar o atuante de uma alma não-cultivada. Com base no *Princípio Alquímico*, trabalha-se com a ideia de espiritualizar/volatizar aquilo que é denso, material, literal e dar corpo aos nossos sonhos, fantasias e imagens, àquilo que é volátil em nós.

Por meio do *Princípio Alquímico*, entende-se que a *Mitodologia em Artes Cênicas* promove um processo de transformação, utilizando toda a vivência

artetnográfica enquanto laboratório de criação, desde as experiências em sala de ensaios até a troca com as comunidades *artetnografadas*. Desta maneira a ideia do laboratório de criação não se fixa entre *atuantes* e *orientador do processo*, mas rompe o vaso protegido do espaço de criação, entendendo como este espaço toda a vida do atuante e suas relações, um grande laboratório, que se molda como vaso alquímico real para a criação. Toda a vida é labor (trabalho), oratório (em oração). Na *Mitodologia em Artes Cênicas*, o *Princípio Místico* tem total relação com a religião, mas no sentido da religião do artista ao processo vivenciado, visto como cosmos. O *Princípio Místico*, como redundante o nome, contém os dois princípios mitológicos anteriores, assim como os pressupostos.

Os *procedimentos mitológicos* são práticas que seguem as *diretrizes* preconizadas, obedecem aos *pressupostos* estabelecidos e se baseiam nos *princípios* já explicitados. Na sistematização destes procedimentos, a jornada mítica ou os *ritos de passagem* (VAN GENNEP, 1978): *ritos de partida*, *ritos de realização* e *ritos de retorno*, são tomados como aportes. Os *ritos de partida* são ritos iniciáticos do processo de criação. Seguindo a teoria dos *ritos de passagem*, equivalem aos ritos de separação, quando acontece o comportamento simbólico de afastamento do indivíduo ou de um grupo de um ponto fixo da estrutura social. Os *Ritos de Realização* possuem características transitantes e ambíguas, trazem referências dos *Ritos de Partida* (investigação acerca da personalidade) e dos ritos futuros, onde emergem as alteridades, as figuras ou máscaras rituais que irão criar a configuração da performance propriamente dita. Os *Ritos de Retorno* traduzem-se como ritos de avaliação do processo criativo

Há de se destacar que a *Mitodologia em Artes Cênicas* não é uma combinação de técnicas tomadas, emprestadas de fontes da Psicologia, da Antropologia, do ocultismo ou mesmo do Teatro, se bem que há adaptado elementos de muitas delas para sua composição; é, antes de mais nada, um complexo de procedimentos para criação cênica estimulado pela experiência artetnográfica. Em suma, o trabalho com a *Mitodologia em Artes Cênicas*, mais do que uma tentativa de implementação de um método, desvela intenções do pensamento contemporâneo na restauração da imagem e do mito como molas propulsoras do reconhecimento de si, assim como a performance enquanto meio ritual de expressão destas imagens, no estímulo à cena comprometida com a “remitologização” do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, DIFEL, 2004.

_____. **Mito, símbolo e mitodologia**. Lisboa, Editorial Presença, 1990.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. **Guerreiras e Heroínas em Performance**. Da Artetnografia à Mitodologia em Artes Cênicas. 2011. Tese

(Doutorado em Artes Cênicas), Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Portugal, Instituto Piaget, 1995.

TURNER, Victor. **O processo ritual; estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, Editora vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis. Vozes, 1978.